

DISTRIBUIÇÃO TÓPICA EM PERGUNTAS

TOPICAL DISTRIBUTION IN QUESTIONS

José Carlos Lima dos Santos (UFPB)¹

Resumo: Este artigo tem objetivo discutir o processo de distribuição tópica em perguntas por meio de resultados coletados² no corpus *Falares Sergipano*, em que foi feito um mapeamento das estratégias interrogativas a partir de um contínuo: plena> semirretórica> retóricas, evidenciando-se o funcionamento das perguntas como estratégias de porções textuais/discursivas à luz do Funcionalismo Linguístico. Os resultados apontam que os tópicos codificados, nas PPs, funcionam como um todo relacional. As PSRs têm por função organizar o discurso do locutor, atuando, no nível do texto como articulador de retomada de tópicos. Já as PRs, por atuarem no nível do discurso, mostram-se mais propensas a chamar a atenção do ouvinte para o que está sendo dito.

Palavras-chave: Distribuição tópica. Funcionalismo linguístico. Perguntas.

Abstract: *This article aims to discuss the process of topical distribution in questions through results collected in the corpus Falares Sergipano, in which a mapping of the interrogative strategies was made from a continuum: full> semi-rhetoric> rhetoric, evidencing the functioning of the questions as strategies of textual /discursive portions in the light of Linguistic Functionalism. The results show that the coded topics, in the PPs, work as a relational whole. The PSRs have the function of organizing the speech of the speaker, acting at the level of the text as articulator of resumption of topics. The PRs, acting on the level of discourse, are more likely to draw the attention of the listener to what is being said.*

Keywords: *Topical distribution. Linguistic functionalism. Questions.*

Introdução

O processo de distribuição tópica, segundo Givón (1995; 2001), discursivo realiza-se em uma dimensão cognitiva relacionada aos participantes (referentes nominalizados) de eventos e de ações, isto é, regras semânticas, que assumem papéis gramaticais quando codificados sintaticamente: sujeito, objeto

¹ Doutor em Linguística pela UFPB

² Trata-se de um recorte de tese de doutorado do autor defendida em 2017.

direto, objeto indireto. Mesmo sendo codificada gramaticalmente no nível proposicional, a topicalidade não é uma propriedade dos referentes sintáticos, e sim do discurso, pois, como sinaliza o autor, o que torna os participantes do discurso tópicos não é o fato de estes serem codificados como sujeito ou objeto, a topicalidade de referentes só se realiza porque os referentes fazem parte de um discurso mais amplo, em uma dimensão semântico-discursiva.

Nesse sentido, o processo de distribuição tópica por meio de perguntas, que, segundo Santos (2017), funcionam como mecanismo de retomada de porções maiores de informações no nível do texto e do discurso, é apreendido por meio de retomada de referentes citados antes e de estratégias que apontam para a continuidade do discurso. Para tanto, no primeiro momento trato da acepção de tópico defendida pelo Funcionalismo Linguístico. No segundo momento, disserto sobre a perspectiva pela qual é tomada as perguntas, para, por fim, mostrar o processo de distribuição tópica codificada nas perguntas.

O tópico discursivo na perspectiva da linguagem em uso

O tópico costuma ser abordado na perspectiva formal, ou na relação forma-função. Alguns estudos, como o de Pontes (1987), demonstram uma preocupação maior em estudar o tópico como uma noção sintática; outros focam em uma relação semântico-cognitiva, que é o caso desta tese.

Para dar suporte a esta tese, que está inscrita na relação forma-função, urge que observemos os princípios e parâmetros da perspectiva funcional fundamentada em observações empíricas, de que o par P-R atua como articulador de tópicos no nível semântico discursivo. Para tanto, o modo como utilizo os conceitos *gramática*, *texto* e *discurso* é referenciado, *stricto sensu*, em Givón (1979, 1983, 1984, 2001, 2002), com algumas releituras realizadas por mim, sempre amparado no raciocínio geral do autor.

Nesta perspectiva, tomo o tópico como unidade básica de processamento e construção do discurso, ou seja, o discurso é construído por meio do processo de topicalização, que não tem nada a ver com a posição de deslocamento em que é codificado na sintaxe. Essa definição tem respaldo na tese de Givón (1995) de que o

tópico diz respeito à codificação de referentes pela gramática. O termo *referente* é entendido como tópicos porque, quando alguém fala, o faz por meio de tópicos, isto é, os principais argumentos (S>OD>OI) codificados pela gramática são tópicos que organizam e estruturam o discurso.

Para o fenômeno que analiso, a distinção entre realização tópica no âmbito da frase, como o faz Gorski (1994; 1995), para quem, nesse nível, o tópico está relacionado com a codificação de participante, e no âmbito do discurso como realização de nível hierárquico, não é relevante. Como já foi demonstrado, para Givón (2001, 2002), o fenômeno da topicalização ocorre no discurso, em uma dimensão cognitiva, já que está relacionado com o foco de atenção dos participantes codificados nos eventos, possuindo, assim, uma dimensão de ordem cognitiva.

Nesses termos, assumo a noção proposta por Givón (1995), seguida também por Gorski, de que, no âmbito da semântica, o tópico realiza-se em uma organização hierárquica por meio de nós conectados em um movimento ascendente ou descendente para outras hierarquias adjacentes: orações em cadeias, e estas em parágrafos. Jubran (2006) também defende essa ordem de realização (hierarquia > linearidade).

No nível de realização semântica, sustento que a organização do discurso é realizada por tópico (TO) e Subtópico (STO), que se organizam segundo o grau de abrangência, considerando os processos de ativação (at), de-ativação (dea), retomada (ret) e mudança (md), progressão (prg), ou seja, o grau de continuidade tópica. No nível sintático, a organização ocorre por meio da sequência de orações, que também é garantida pelas relações tópicas. Para as análises do fenômeno em questão, a realização semântico-discursiva do tópico se pauta nos termos de Givón (1979; 1984; 1991; 1994;), Herring (1991), Chafe (1976; 1977; 1984); Sorjone (2001), Gorski (1994) e Jubran (2006), Vuchinich (1977) Rodríguez (1996) e Lambrecht (1996). A representação dos conceitos que defendo pode ser vista como:

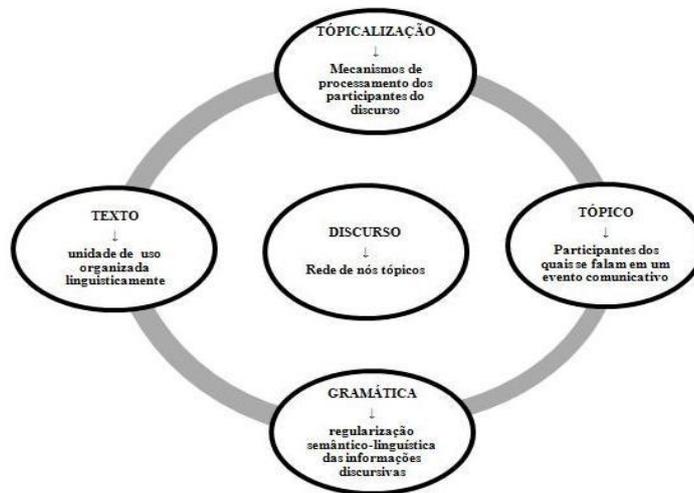


Figura 1- Esquema da organização tópica do discurso.

Esta correlação evidencia a centralidade do discurso no que diz respeito ao processo de topicalização no que concerne à criação e à organização semântico-discursiva, que se instaura por meio das relações de retomada ou de continuidade no texto e no discurso.

Nesta proposta de análise, o tópico não pode ser tomado como uma categoria discreta, posto que, no encadeamento do texto, um tópico codificado na função de objeto pode ser codificado como sujeito na continuidade do discurso.

O par pergunta-resposta na perspectiva do Funcionalismo Linguístico

Tomo o par P-R, nesta tese, como um mecanismo articulador de tópicos em uma perspectiva gramatical-discursiva. Os critérios adotados aqui para a elaboração de uma tipologia para perguntas seguem o ciclo funcional de Givón (1979): do discurso para a gramática. Tendo por base a ideia seminal de Martelotta (1996), aprimorada por Freitag (2010; 2012); Araújo e Freitag (2010), Santos (2011); Santos e Freitag (2012; 2013), Santos, Araújo e Freitag (2012) e Santos e Silva (2015), concebo o par P-R a partir do *continuum* de gramaticalização: Plena (PP) > semirretórica (PSM) > retórica (PR). Este *continuum* possui como ponto de partida a pergunta plena, em função de seu funcionamento prototípico: falante pergunta e

ouvinte responde, ou seja, a função prototípica do ato de fala interrogativo é a busca de resposta para satisfazer uma dúvida codificada em uma pergunta pelo falante.

Diante dessas considerações, a concepção de pergunta adotada nesta tese está fundamentada nos postulados pragmático-cognitivos estabelecidos por Givón (1984, 1995, 2001, 200): inferência pragmática e conhecimento partilhado, o que significa dizer que, se o tópico apresenta propriedades essencialmente cognitivas e o par P-R é tomado como articulador de tópicos, a formulação de perguntas também é de base cognitiva. Não é de interesse, para essa pesquisa, afirmar que a função tem primazia sobre a forma, como dizem Fávero, Andrade e Aquino (2006), mencionados anteriormente, mas que as perguntas são formuladas em uma dimensão cognitiva (função) e são gramaticalizadas linguisticamente em formas que representam funções interrogativas.

As perguntas, nesse caso, apresentam as seguintes características: i) entonação ascendente (EA) como característica fulcral para identificação de perguntas. Conforme Sacks (1995), a entonação ascendente é a característica principal de uma pergunta por se tratar de uma característica de ordem gramatical. O autor cita como exemplo o fato de que uma pergunta pode ser reconhecida paralinguisticamente, ou seja, se alguém passa perto de uma conversa, ela pode não saber o conteúdo da mensagem, mas consegue identificar quando se trata de uma pergunta, devido à marca [+entonação ascendente], que é característica dessa categoria. Não sigo a distinção que Perini (2010) faz entre enunciado interrogativo e pergunta, ao postular que um enunciado interrogativo na forma pode exercer outra função que não a de pergunta. Defendo que o fato de uma pergunta poder exercer outra função discursiva não a descaracteriza como pergunta justamente pela marca de EA.

Outro fator prototípico das perguntas é o [+resposta], pois a função canônica desse ato de fala é a busca de informação faltante. Logo, o contexto prototípico de realização perguntas caracteriza-se pelos traços [+resposta] e [+entonação ascendente]. Givón (1995) afirma que estruturas prototípicas são o centro das categorias por serem mais cristalizadas pelo uso, e são linguística e cognitivamente mais salientes; as menos prototípicas ocupam lugar à margem da categoria.

Exemplifico um esquema de como as perguntas são tomadas, nesta pesquisa, o qual formulei a partir dos estudos de Sacks (1995), Martelotta (1996), Givón (2001; 2002), Araújo e Freitag (2010), Santos (2011), Santos e Silva (2015):

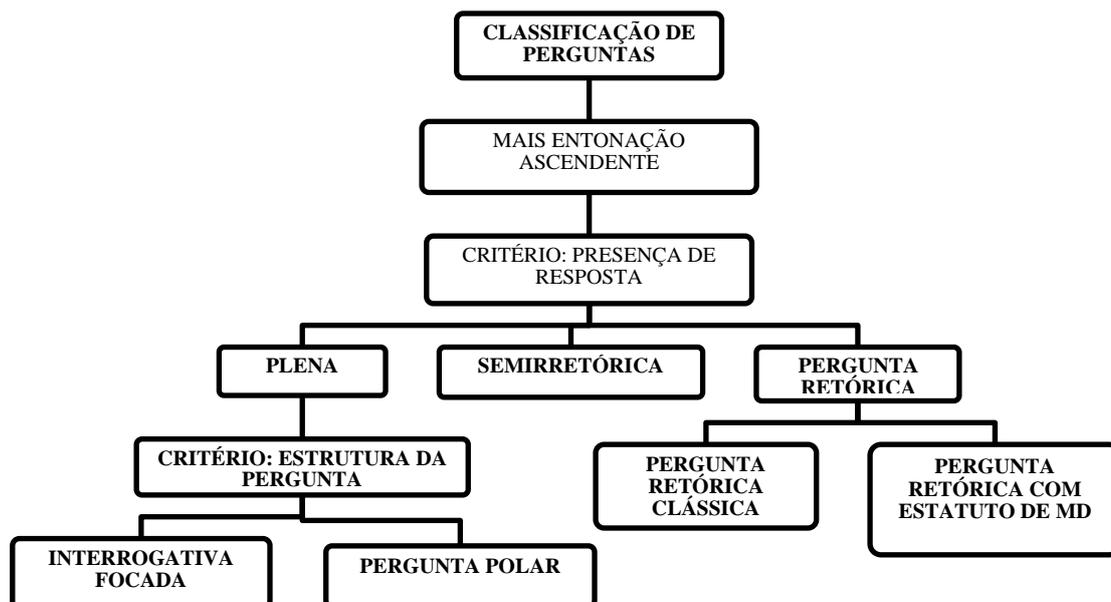


Figura 2 - Proposta de classificação de perguntas adotada nesta tese.

A proposta de classificação em questão toma como ponto de partida o ato de fala interrogativo prototípico, que é caracterizado pelos traços [+ entonação ascendente] e [+resposta]. Como o primeiro traço é o mais prototípico da categoria pergunta, aparece em primeiro lugar na figura, sinalizando ser é um critério subjacente a todas as classificações de perguntas. O segundo critério está relacionado à presença de resposta nas perguntas. Por esse critério, as perguntas são entendidas a partir do *contínuum*: plena > semirretórica > retórica. As perguntas plenas são classificadas de acordo com sua estruturação: a interrogativa focada, quando o escopo da dúvida recai sobre um termo; e interrogativa total, quando a codificação da dúvida recai sobre toda a proposição. A pergunta retórica é classificada em: pergunta retórica clássica e pergunta retórica com estatuto de marcador discursivo.

Distribuição tópica em perguntas

Seguindo o que Brown e Yule (1983) postulam, no que se refere ao fato de que cabe ao analista do discurso decidir onde começa e termina o fragmento do discurso, estabeleço a oração como critério para identificar o tópico gramaticalizado, uma vez que os participantes codificados pela gramática como tópicos funcionam, em geral, como argumentos de verbos. Também considero a classificação de tópico primário (TOP) e secundário (TOS) estabelecida por Givón (1979), que toma por base o evento prototípico de fala. Nesse caso, o tópico é considerado primário se ele se mantém ativo no discurso, ou seja, se ocorre em três ou mais segmentos tópicos. Quando um tópico é ativado uma única vez, é considerado TOS.

A ideia de domínio epistêmico é defendida por Heritage (2012) e Sorjonen (2001), segundo os quais o processo de codificação da informação nas perguntas (tomado aqui como processo de codificação tópica) organiza-se em termos de gradiência, no sentido de que o acesso à informação é estratificado entre os participantes do discurso por meio de um gradiente epistêmico que vai desde mais conhecimento (+ k) a menos conhecimento (- K). Para o autor, o status epistêmico de cada orador varia em função do domínio epistêmico em que ocorre. Nesse sentido, podemos saber se o conhecimento codificado em uma pergunta transmite, confirma, solicita ou não a informação indexada na pergunta.

Sorjonen (2001), que segue a linha de Heritage (2012), assume a ideia de que os conhecimentos codificados nas perguntas podem ser retomados em forma de confirmação ou afirmação, principalmente nas perguntas polares. A terminologia adotada pela autora é a de pressuposição³ epistêmica, como é mostrado adiante:

- (01) vai con- vou continuar tentando aquela coisa vivenciando experimentando até... que eu chegue a algum lugar que... tenha... meu perfil... que seja aquilo que eu gosto que eu me identifico... aí eu vou partir... com tudo

Ent: (hes) sua vida mudou em algum aspecto quando você entrou na faculdade?

³É importante destacar que o fenômeno da pressuposição é entendido, nesta pesquisa, nos termos de Givón (1979), que trata o fenômeno como sendo inteiramente pragmático, já que uma proposição, antes de ser codificada linguisticamente, é um fenômeno mental pautado pela interação de perspectivas dos falantes da língua.

Mic: *com certeza...* no início principalmente aquela coisa né? quando a gente entra quer viver dentro dos livros né? que tem que estudar porque “não sei como vai ser a prova professor... (ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA, #cab 2011, F, 22, 1, S)⁴.

A pergunta plena realizada, no excerto (01, codifica a posição epistêmica do falante marcada pelo gradiente –K, quando codifica o tópico *sua vida mudou em algum aspecto*, nos termos de Ventura e Lima-Lopes (2003), sinalizando que o status epistêmico primário é focado no destinatário, já que o falante não dispõe da informação solicitada. A pergunta funciona como uma projeção de continuação, pois, ao solicitar a informação, passa-se o turno para o ouvinte, que é reconhecido pelo falante como o detentor da informação solicitada. Na resposta do falante, há o processo de retomada do conteúdo epistêmico codificado na pergunta, o que sinaliza que o ouvinte possui o gradiente +k. A expressão *com certeza*, no início do turno, já responde a pergunta.

O processo de retomada do conhecimento codificado na resposta, conforme figura (4), por meio do gradiente +K do ouvinte, favorece a sequenciação da atividade discursiva. Logo, há evidência de que a resposta tanto funciona como uma ação retroativa, no sentido de que retoma o tópico da pergunta, como aponta para continuidade do discurso em termos de projeção. Tavares (2010) denomina esse tipo de relação de retroativo-propulsora. De modo semelhante, Sorjone (2001) salienta que resposta confirmativa a uma pergunta sinaliza desejo de continuidade por parte de quem respondeu à pergunta.

No exemplo (02), há a ocorrência de perguntas semirretóricas, as quais funcionam como estratégias de sequenciação tópica, cuja finalidade é a projeção do discurso:

- (02) ... então a gente tem que buscar a união da diretoria da escola... junto com os professores... pra poder mudar... pra *poder* mudar... o curso porque se não for assim a esco- a educação... num melhora... eu acho que é essencial... o desenvolvimento ((BARULHO))

⁴ Os dados utilizados, nesta pesquisa, fazem parte de duas amostras: i) *Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense*, que diz respeito a uma coleta de dados realizada em uma escola pública de Aracaju; e ii) *Rede Social de Informantes Universitários*, que se refere à coleta realizada no *campus* Prof. Alberto Carvalho, da UFS, em Itabaiana-SE, os quais integram o banco de dados Falares Sergipanos, coordenado pela Prof. Dra. Raquel Meister Ko Freitag.

Ent: pode continuar

Jaç: o Brasil tem relação com o exterior e num é só o fato de compra e venda de importação de exportação... tem todo um processo histórico vem desde antes mas o que passa na escola? você vai e estuda regiões sejam elas as... os continentes ou sejam elas no Brasil as regiões norte nordeste sul e sudeste você estuda que o sudeste é desenvolvido... que o sudeste é rico... que o sudeste é o lugar que tem emprego... o desenvolvimento tá lá... e que o nordeste é pobre por que que no- o povo do nordeste é pobre? o povo do nordeste é pobre porque é seco... porque no nordeste tem fome... e porque o povo num se interessa... (ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA, ITABAIANA, #cab, 2011, F, 22, 1, S, Jaç).

O exemplo (02) pertence, seguindo Heritage (2012), à posição epistêmica +k pelo fato de o falante perguntar e ele próprio responder à pergunta, ou seja, o falante possui conhecimento da ação epistêmica que a pergunta suscita. Como a ação da pergunta não faz parte do domínio epistêmico do ouvinte, o falante não espera pela resposta e segue o desenvolvimento do turno. Dessa forma, há uma mudança no que se refere à realização da resposta: no caso das perguntas plenas, a resposta é realizada pelo ouvinte; nas semirretóricas, pelo próprio falante, o que Martelotta (1996) denomina de perda de traço referencial que é típico das perguntas prototípicas.

Freitag e Araújo (2010) assentam que as PSRs têm por função a sequenciação do tópico discursivo porque o falante não passa o turno para o ouvinte responder, apenas dá prosseguimento ao que vem desenvolvendo. As PSRs, nesse caso, funcionam como mecanismo de projeção e retomada tópica, já que articula o tópico em desenvolvimento com o que vai ser seguido no discurso, como exemplifica o esquema a seguir:

A figura (5) evidencia o funcionamento da PSR no processo de articulação de tópicos. É possível visualizar que tópico o *sudeste* é desenvolvido no texto de forma sequencial até a ativação de outro que havia sido indexado antes. O que possibilita o falante desenvolver os tópicos o *sudeste* e o *nordeste* é a ativação, anteriormente, de um tópico mais abrangente: *as regiões do Brasil*. Assim, notamos que, para formular a pergunta, o falante retoma o tópico anterior e faz uso da própria pergunta para prosseguir o discurso. No excerto (73), há uma ocorrência de PRC que funciona no nível do discurso:

- (03) ... da esfera da universidade eu acho que se afastar... pode se dizer que praticamente... acabou a... né? diminui muito elimina... as condições de você estar... prestando porque pra você estar no mestrado você precisa produzir... produzir produzir produzir se você se afasta você vai perdendo... o ritmo de produção e aí *como é que você entra?* porque hoje... o lema da universidade... seja... na graduação seja na pós o que for é produção... você tem que produzir você tem que publicar... num num... você tem a preocupação de dar o conhecimento mas tem que ver o respaldo e o respaldo é... produzir... o aluno tem que publicar o aluno tem que participar de congresso o aluno tem que aquilo aquilo outro... (ENTREVISTA SOCIOLINGÜÍSTICA, ITABAIANA, #CAB, 2010, F, 23, 1, S, JAM).

Durante o desenvolvimento do tópico que versa sobre planos acadêmicos, o falante, em sua resposta, faz uso de uma PRC, que tem por função não solicitar informação, pois tanto o falante como o ouvinte encontram-se na posição gradiente +K. A informação codificada na pergunta tanto faz parte do domínio epistêmico do falante quanto do ouvinte. A função da PR, em (73), está relacionada à estratégia interativa de chamar a atenção do ouvinte para o que está sendo dito, conforme salienta Freitag (2010) e Santos e Silva (2015). Essa estratégia contribui também para o desenvolvimento do fluxo discursivo.

Nos termos de Givón (1984, p. 90), o processo de codificação tópica “envolve as pressuposições que o falante possui acerca da habilidade do ouvinte de identificar a referência dos argumentos”. No texto de 1979, o autor afirma que a frase ativa (a cláusula principal, declarativa, afirmativa) apresenta *status* pressuposicional mais baixo que outros tipos. Se nas perguntas prototípicas (plenas) a complexidade pressuposicional é mais alta, no caso das perguntas retóricas é bem maior, já que a resposta faz parte do domínio epistêmico dos interlocutores, como já mencionado. Em uma PP, por exemplo, o falante faz previsão acerca da habilidade do falante responder a dúvida codificada na pergunta, o que não ocorre com a PR,

Pelo esquema de sequenciação tópica demonstrado, vemos que a PR atua também no processo de articulação de tópicos, uma vez que sua realização ocorre a partir do tópico que vem sendo desenvolvido, no entanto, as setas foram colocadas de lado para evidenciar que a pergunta atua no nível do discurso, haja vista apresentar maior complexidade pressuposicional, atuando também para solicitar a aquiescência do ouvinte para o que está sendo dito.

A distribuição epistêmica do processo de codificação de tópicos nas perguntas pode ser visualizada em:

Perguntas	Falante	Ouvinte
Plenas (PP)	-K	+K
Semirretórica (PSR)	+K	-K
Retórica (PR)	+K	+K
Retóricas> Marcador PRMD	+K	+K

QUADRO 1: Processo de distribuição epistêmica nas perguntas
 Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

Os dados observados evidenciam que o funcionamento do par P-R apresenta traços que vão desde o uso prototípico, por meio do qual o falante busca elicitare uma informação do falante, até o nível de organização textual-discursiva, a partir de *continuum* de gradiência. O quadro (01) mostra que o traço *presença de resposta*, codificado linguisticamente, só está presente nas PPs e nas PSRs. No caso das plenas, o locutor não possui conhecimento da resposta, a quem é atribuída posição gradiente -K, e ao ouvinte, que é tido como conhecedor da resposta, possui a posição gradiente +K. As respostas às PSRs são dadas pelo próprio falante, cuja posição epistêmica é representada por +K; a do ouvinte, que desconhece a resposta, por -K.

No nível das PRS, as respostas são conhecidas pragmaticamente pelos interlocutores, que compartilham o mesmo domínio de conhecimento, ou seja, existe um alto grau de pressuposição, sendo aqueles representados pela posição gradiente +K.

O ouvinte também ocupa a posição +K em três níveis, e -K em um. A principal diferença no que diz respeito à realização do par entre o falante e o ouvinte está na posição -K, busca de informação. Logo, esses dados fornecem evidências de que os interlocutores possuem 75% de possibilidades para fazer uso de perguntas com finalidades discursivas diferentes das que visam obter resposta do ouvinte, 15%. Isso prova que as perguntas prototípicas (plenas) não representam o

uso total do par P-R⁵, ou melhor, não se pergunta apenas para obter resposta do ouvinte.

Desse modo, o uso do par P-R está relacionado aos movimentos de retomada ou de sequenciamento do tópico discursivo. Esse processo é denominado por Tavares (2010) de movimento retroativo-propulsor, o qual contribui para estabelecer a coesão no nível textual-discursivo. Givón (1995) afirma que o processo de recorrência, que garante a acessibilidade tópica, e o de projeção, que garante a importância temática, são responsáveis pela estruturação do discurso. Se o par P-R atua como mecanismo de retomada e projeção de tópicos, é saudável afirmar que perguntas e respostas são, também, responsáveis pela construção do discurso.

A seguir, investigo os contextos de ocorrência das perguntas nas amostras de Itabaiana e na do Colégio Atheneu. Para tanto, valho-me dos argumentos de Givón (1995), segundo o qual a marcação é totalmente dependente do contexto. Por esse viés, uma forma linguística pode ser marcada em um contexto e não-marcada em outro.

Nesse contexto, assumo a hipótese de que a frequência de perguntas tende a variar nas amostras selecionadas para análise, já que estas apresentam características diferentes: i) as interações conduzidas fazem parte de um contexto mais fluido, devido à liberdade que os participantes possuem para tomar e desenvolver o turno, sendo, portanto, um contexto como menos marcado; e ii) as entrevistas sociolinguísticas, por ter alguém que dirige o turno tende a ser mais marcada. Os dados analisados, na tabela (1), fazem parte das entrevistas sociolinguísticas de Itabaiana, os quais apontam maior recorrência das PPS:

	Pergunta – nº ocorrências/%	Resposta – nº ocorrências/%	Total
Plena	1430 (94.20)	11 (3.57)	1683
Semirretórica	22 (1.44)	55 (17.85)	77
Pergunta	66 (4.38)	242 (78.57)	308

⁵Chamo a atenção para o fato de que esses dados têm a ver com a possibilidade de uso das perguntas dentre os quatro tipos mencionados, e não com a frequência de ocorrência de cada tipo em um dado contexto de uso, a qual será abordada mais adiante.

retórica

Total	1518	100%	308	100%	2068
--------------	-------------	-------------	------------	-------------	-------------

Tabela 1 - Frequência do par P-R: entrevistas de Itabaiana
 Fonte: Elaborado pelo autor, (2017).

A finalidade das entrevistas sociolinguísticas é eliciar o vernáculo do informante. Para atingir esse objetivo, o entrevistador se vale de estratégias tópicas no que se refere ao desenvolvimento de turnos. Em (1), vemos que as perguntas plenas ocorrem em larga maioria dos casos. Isso deixa claro que o papel do entrevistador é fazer perguntas; o do informante, responder, o que é feito por meio de PSRs e PRs.

Os dados ainda permitem constatar que o entrevistador faz uso das PPs como estratégia de articulação de tópicos, ou seja, usa esse tipo de perguntas como meio de eliciar as informações do interlocutor. Já o informante faz uso das PSRs e PRs como estratégias para desenvolvimento do discurso, retomando conhecimento codificado na pergunta do entrevistador para desenvolver seu discurso. É por isso que Herring (1991) afirma que o processo de gramaticalização das PRs é de base discursiva.

A tabela (2) permite fazer uma melhor comparação de frequência entre as modalidades entrevista e interação conduzida:

Perguntas	Pergunta – nº ocorrências/%	Resposta – nº de ocorrências	Total
Plena	1452 (77.56)	122 (20.00)	1574
Semirretórica	34 (1.92)	16 (2.00)	50
Pergunta retórica	390 (20.51)	468 (78.00)	858
Total	1876 100%	606 100%	2482

Tabela 2 - Frequência do par P-R: interações - Itabaiana
 Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

No caso das interações conduzidas, as PPs continuam a apresentarem maior frequência, mas com um diferencial: o entrevistador faz mais uso de PRs. O que permite tal uso é a natureza da amostra, já que, nas interações conduzidas, o contexto mais fluido se aproxima mais de uma conversa do cotidiano, apresentando características menos marcadas que as entrevistas sociolinguísticas, que configuram um instrumento metodológico padrão usado, na Sociolinguística, para verificar a fala das pessoas que fazem parte de uma comunidade, quando não estão sendo observadas. No caso da amostra do Colégio Atheneu, existe a mesma tendência de uso de PPs nas perguntas do entrevistador:

Perguntas	Perguntas – nº ocorrências/%	Resposta – nº ocorrências/%	Total
Plena	1375 (96.89)	13 (6.66)	1388
Semirretórica	35 (2.32)	24 (13.33)	59
Pergunta retórica	15 (0.77)	146 (80.00)	161
Total	1425 100%	183 100%	1608

Tabela 3 - Frequência do par P-R: entrevistas - Atheneu
 Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

Os dados demonstram que a tendência em se fazer uso de PPs se mantém na amostra de entrevistas sociolinguísticas do Atheneu, e indica um padrão de direcionamento tópico que se configura por meio de retomadas e projeções, o que contribui para a coerência do discurso. As estratégias de construção discursiva do informante se dão por meio das PRs, o que favorece o desenvolvimento do turno por meio do movimento de retomada e projeção.

Na tabela (04), apresento os dados referentes à amostra Interações Conduzidas em Itabaiana, observe-se:

Perguntas	Pergunta nº ocorrências/%	Respostas nº ocorrências/%	Total
Plena	441 (57.00)	122 (27.00)	453
Semirretórica	25 (2.00)	34 (6.00)	28

Pergunta retórica	341 (41.00)	336 (67.00)	667
Total	807 100%	492 100%	850

Tabela 4 - Frequência do par P-R: interações - Atheneu
 Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

A proporção de uso em relação aos tipos de perguntas formuladas pelo entrevistador é menor, 40% de PPs e 31% de PRs. Essa diferença, mais vez, pode estar relacionada ao perfil social dos informantes: escolaridade, idade etc. Em todo caso, podemos declarar que a natureza contextual das entrevistas sociolinguísticas é mais favorável, nas perguntas do entrevistador, a uma maior ocorrência de PPs.

Outro dado relevante é que o número de PRs se mantém relativamente estável, quando se compara à amostra de Itabaiana. Nesse contexto de uso, o entrevistador não se preocupa apenas em eliciar a resposta do ouvinte, mas participa de modo menos assimétrico do desenvolvimento do discurso, chegando, até mesmo, a emitir uma opinião antes de fazer a pergunta. Isso explica o aumento de PRs, as quais apresentam marcas heterocentradas no ouvinte. Além disso, o fato de o informante possuir mais liberdade de formular PPs, já que estas ocorrem em quantidade muito reduzida: 3.57% nas entrevistas de Itabaiana; e 6.25% nas do Atheneu. Os dados relacionados à frequência de perguntas podem ser comparados na tabela (05):

Perguntas	Itabaiana/ Entrevistas		Itabaiana/ Interações		Atheneu/ entrevistas		Atheneu/ interações	
	P (%)	R (%)	P (%)	R (%)	P (%)	R (%)	P (%)	R (%)
PP	1430 (94)	11 (4)	1452 (77)	122 (20)	1375 (97)	14 (6)	441 (58)	453 (28)
PSR	25 (2)	54 (18)	34 (2)	16 (2)	35 (2)	24 (14)	25 (2)	28 (7)
PR	66 (4)	242 (78)	390 (21)	468 (78)	15 (1)	146 (80)	341 (40)	28 (65)
Total	1518 100	308 100	1876 100	606 100	1425 100	183 100	807 100	492 100

Tabela 05 - Distribuição geral de perguntas nas amostras
 Fonte: Elaborado pelo autor, (2017).

O confronto dos dados na tabela (05) permite evidenciar os contextos de ocorrência das perguntas em termos de tendência. O exemplo mais prototípico das perguntas, as plenas, apresentara maior produtividade no contexto de entrevista. O que nos permite afirmar que o processo de articulação de tópicos por meio PPS, nas entrevistas, é mais padronizado. Mesmo que o entrevistador utilize diversas estratégias a fim de que o informante monitore o mínimo possível a fala, trata-se de um instrumento metodológico de coleta de dados que exige certos procedimentos (estratégias) para que se atinja o objetivo pretendido. Nesse sentido, é correto afirmar que o contexto em que ocorrem as entrevistas sociolinguísticas é mais marcado que o das interações conduzidas.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo mostrar como se dá o processamento de distribuição tópica nas perguntas. Os dados analisados indicam que, nas PPs, o falante ocupa a posição gradiente (-K), e o ouvinte, (+K), uma vez que, nessa modalidade, o falante busca sanar uma dúvida codificada na pergunta. A posição epistêmica do falante, nas PSRs, é a posição (+k), e a do ouvinte, (-K). Neste tipo de pergunta, o falante não espera a resposta do ouvinte, pois tem função estruturar o discurso em andamento. Já nas PRs, tanto o falante como ouvinte assumem a posição (+K), já que a resposta é recuperada pelo contexto.

Foi constatado, na análise dos dados, que o contexto de entrevista sociolinguística favorece o uso de PPs por apresentar-se mais padronizado e por ser mais assimétrico. Nesse contexto, as perguntas, principalmente as do entrevistador, têm por função elicitare respostas do ouvinte. Em se tratando das respostas, as perguntas mais frequentes foram as PRs. A menor tendência de ocorrência de perguntas, nas duas amostras, foi a de PRs. Isso corre porque este tipo de pergunta funciona no nível do discurso.

Esta pesquisa traz contribuições para os estudos que se desenvolvem no âmbito do Funcionalismo linguístico, mais precisamente os que trabalham com tópico discursivo e com a par pergunta-resposta na perspectiva da gramática funcional.

Referências

- ARAÚJO, A. S.; FREITAG, R. M. K. Quem pergunta quer resposta - Perguntas como estratégia de interação na escrita. *Via Litterae*, v. 2, p. 321-335, 2010.
- BROWN, G; GEORGE, Y. *Discourse analysis*. Cambridge University Press, 1983.
- CHAFE, W. L.; CHARLES N. Li. *Givenness, Contrastiveness, Definiteness, Subjects, Topics, and Point of View in Subject and Topic*, 1976, p. 25-55.
- _____, W. L. *Discourse production and comprehension*, v. 1, 1977.
- _____. *Meaning, form and use in context: linguistic applications*, Georgetown University Press, DC, Washington, 1984, p. 95-103.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. O par dialógico pergunta –resposta. In: JUBRAN, Clélia; KOCH, Ingedore (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p. 133-166.
- GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- _____, T. *Topic continuity in discourse: a quantitative cross-language study*. Amsterdam, Benjamins, 1983.
- _____. *The grammar of referential coherence as mental processing instructions*. Linguistics, Berlim, 1992. p. 5-55.
- _____, T. *Functionalism and grammar*. John Benjamins Publishing, 1995.
- _____, T. *Syntax: An Introduction I*. John Benjamins Publishing, 2001.
- _____, T. *Syntax: an introduction II*. John Benjamins Publishing, 2001.
- GIVÓN, T.; MALLE, B. F. (Ed.). *The evolution of language out of pre-language*. John Benjamins Publishing, 2002.
- GÖRSKI, E. *O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.
- _____, E. Topicalidade na fala e na escrita. *Rev. de Letras* - v. 19 - no 5 . 1/2 - jan/dez 1995.
- HERRING, S. The grammaticalization of rethorical questions in Tamil. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 253-285.
- JUBRAN, C. A. S. Tópico discursivo. In: _____; KOCH, Ingedore (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p.89-132.
- LAMBRECHT, K. *Information structure and sentence form: Topic, focus, and the mental representations of discourse referents*. Cambridge university press, 1996.
- MARTELOTTA, M. E. et al. *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996.

- PERINI, M. A. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- RODRIGUEZ, C. F. *La sintaxis de los relacionantes supraoracionales*. Madrd: Arco Libros, 1996.
- SACKS, H. *Lectures on convesation*. Malden, MA: Blackwell, 1995.
- SANTOS, J. C. L. dos. *Estratégias de interrogação: pergunta-resposta no discurso de sala de aula*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE. 2011.
- _____, J. C. L. dos. O par pergunta-resposta como estratégia de articulação tópica: uma análise funcional. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal da paraíba – UFPB, 2017.
- SANTOS, J. C. L.; FREITAG, R. M. K. Perguntas na sala de aula: relações de poder, tópico discursivo e conhecimento. *Calidoscópico*, v. 10, p. 83-96, 2012.
- SANTOS, J. C. L.; ARAUJO, A. S.; FREITAG, R. M. K. Perguntas na sala de aula: uma classificação textual-interativa. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 45, p. 373-397, 2012.
- SANTOS, J. C. L.; FREITAG, R. M. K. Construção linguística das relações de poder em comunidades de práticas: controle do tópico e conhecimento. *Forma y Funcion*, v. 26, p. 57-75, 2013.
- SANTOS, J. C. L. dos; SILVA, C. R. Perguntas retóricas: entre a gramaticalização e a discursivização. *VEREDAS ON-LINE - ATEMÁTICA*–2015/2 -P.248-268.
- SORJONEN, M-L. Simple answers to polar questions. In: SELTING, M.; COUPERKUHLEN, E. (orgs.). *Studies in Interactional Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- TAVARES, M. A.. Conectores sequenciadores E, AÍ e ENTÃO na fala de Natal (RN): indícios de especialização funcional. *Interdisciplinar*. Revista de Estudos em Língua e Literatura, v. 12, p. 195-213, 2010.
- VENTURA, C. S. M.; LIMA-LOPES, R. E. . O Tema: caracterização e realização em português. São Paulo/Liverpool 2003 (artigo publicado - DIRECT Papers 47).
- VUCHINICH, S. - Elements of cohesion between turns in ordinary conversation. In: *Semiótica* 20:3-4,1977.